

CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME TOLERANTIA SOB A ÓTICA DA CONVIVÊNCIA SOCIAL

FILM AND EDUCATION: AN ANALYSIS OF TOLERANTIA FILM FROM THE PERSPECTIVE OF SOCIAL COEXISTENCE

CINE Y EDUCACIÓN: UN ANÁLISIS DE LA PELÍCULA TOLERANTIA DESDE LA PERSPECTIVA DE LA CONVIVENCIA SOCIAL

*Josineide Alves Silva

RESUMO: Este texto apresenta resultados parciais da pesquisa desenvolvida pela autora: “*O Uso Escolar do Filme no Currículo do Estado de São Paulo*”. O objetivo geral foi o de contribuir para o aprimoramento das formas didáticas de construção de leitores de filmes. Neste sentido, o presente texto, procura argumentar sobre o uso didático-pedagógico de um filme na escola, observando a intencionalidade definida no trabalho escolar, ao atentar para o desenvolvimento de habilidades e competências, inclusive no processo que envolve a leitura deste tipo de mídia. Assim, após identificar dificuldades de Convivência Social no espaço escolar por uma série de questões internas e externas (no primeiro semestre letivo do ano de 2015), selecionei o filme *Tolerantia* (2008), sob a direção de *Ivan Ramadan*, como um instrumento didático-pedagógico para reflexão da temática em salas de aula do ensino fundamental e ensino médio, nas disciplinas de história e sociologia, observando também, o processo ideológico e estético desta produção cinematográfica, que será exposto em um relato de experiência sobre a execução desta atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Tolerância; Leitura de Filmes; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Melo e Tosta (2008, p. 30) mencionam que do ponto de vista etimológico a palavra mídia: “trata-se de uma expressão latina. *Media* é o plural de *médium*. No singular, significa ‘meio’, ‘veículo’, ‘canal’. [...] A mídia tem a ver com a indústria de bens simbólicos”. Essa corresponde ainda, “a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de culturais. Seu foco está orientado a fabricar artefatos que se materializam em palavras, sons, imagens, seja no plano real, seja no plano imaginário”. Guareschi & Biz (2005, p. 38) declaram que “[...] a mídia é o coração da sociedade de informação, sob cuja égide vivemos”. Sendo assim, ela constrói realidades; atribuem valores; direciona as discussões presentes no cotidiano; concede sentido e dimensão em diferentes espaços e tempo”.

* Doutoranda em Educação na Universidade de São Paulo/USP. Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista/UNOESTE, Graduada em História (UEM/PR). Professora de Educação Básica II – História pela Secretaria de Educação Estadual de São Paulo. Email: jodasilva1950@hotmail.com.

Franco (2005, p. 35) indica que é necessário considerar a influência das mídias (dentre elas, podemos destacar o cinema/filme) na formação da personalidade de crianças e adolescentes, pelo seu papel de agente que interfere na sociedade ao ditar valores, costumes, linguagem e tantos outros elementos. Assim, as mídias, podem ser instrumentos a serviço da educação, pois “[...] as mídias audiovisuais, sejam elas tradicionais ou interativas, têm um papel fundamental como veículos catalisadores para a construção de conhecimento”. Nesse contexto, de influência das mídias na sociedade e como construtoras de conhecimento no espaço escolar, cabe considerarmos as contribuições de Kellner (2001, p. 9) sobre o impacto da mídia na sociedade.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana dominando o tempo de lazer, modelando suas opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós e eles”, ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bem ou mal, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens cultivadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje.

Nessa perspectiva, fica evidente a ação das mídias na sociedade contemporânea enquanto cultura de massa, que possibilita a interação entre povos de diferentes localidades, apresenta traços de dominação, perpetua relações de poder e algumas formas de resistência. Portanto, são necessárias reflexões na educação sobre a mídia, a sua influência social e a sua importância enquanto instrumento didático-pedagógico em ambientes escolares.

EDUCAÇÃO E MÍDIAS: O USO DE FILMES NA ESCOLA

Setton (2010, p. 9) afirma que as mídias são “[...] agentes de comunicação, agentes de diálogo e da mediação com seus consumidores. São característicos do fenômeno midiático os atos de reciprocidade e da troca de mensagens, códigos e saberes”. A autora argumenta que o uso de mídias como “prática pedagógica” em uma “ação docente” tem como objetivo: “expressar uma ideia, um conteúdo, tem a intenção de transmitir, divulgar conhecimentos, habilidades e competências”.

Neste sentido, a mídia em estudo é o cinema, o uso didático-pedagógico de filmes na escola, observando a intencionalidade definida no trabalho escolar, ao atentar para o desenvolvimento de habilidades e competências, inclusive no processo que envolve a leitura deste tipo de mídia. Trevizan & Crepaldi (2009, p. 186) mencionam que “[...] a linguagem

audiovisual é bastante atraente e pode produzir experiências diferenciadas e enriquecedoras na sala de aula” e que o papel da escola é “formar a competência leitora dos alunos, tornando-os cidadãos com maior senso crítico”.

Faz-se necessário esclarecer o embasamento teórico que permite considerarmos o filme como um discurso/texto e a sua recepção como um ato de leitura. O presente texto apoia-se nos estudos semióticos Peirce (1995), abordados no Brasil por Santaella (2007), ambos consideram que todo fenômeno que alcança a nossa mente se transforma, pelo processo interacional e comunicacional, em signo. Assim, se todo e qualquer fenômeno externo é passível de ser transformado pelo homem em signo, o filme é um conjunto de vários signos (extraídos de linguagens diversas), o que lhe permite ser lido pelos receptores como um discurso ideológico veiculador de conteúdos históricos culturais, de natureza estética com mensagem filosófica e artística. Tais considerações teóricas, associadas aos pressupostos semióticos russos (BAKHTIN, 1993) nos permitem falar em linguagem fílmica ou texto fílmico que exige do receptor, competências intertextuais de leituras de suas pluridiscursividades e polifonias.

É preciso considerar os procedimentos para a realização de uma leitura de filmes. Trevizan (2002, p. 35 e 36) expõe que uma leitura completa

[...] pressupõe o diálogo efetivo do leitor (um sujeito contextualizado historicamente) com o produtor (também uma entidade histórica) e o modelo textual, (no caso deste texto, o filme) inserido em uma dada situação cultural”, estes são “os elementos básicos da constituição completa dos sentidos na leitura de qualquer modalidade da linguagem, seja a jornalística, a literária, a fílmica, a publicitária [...].

Sobre o leitor e os modos de ler, Santaella (2004, p. 16) identifica que “[...] o leitor do livro é o mesmo da imagem e este pode ser o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo”.

Santaella (2004) afirma que o termo leitura não se restringe apenas ao ato de decifrar letras, mas à relação da palavra com a imagem e diferentes formas sógnicas presentes na vida cotidiana dos centros urbanos em seus variados espaços e dinamismo. Vivemos em um mundo onde o alcance das imagens televisivas, vídeos, internet, publicações e demais meios de comunicação visual atraem cada vez mais espectadores. É inegável a valorização de diferentes produções cinematográficas nos dias atuais e sua interferência na vida cultural da sociedade moderna, ao informar fatos, formar hábitos e influenciar as ideias.

Ostermann define que “[...] a imagem é a linguagem própria do cinema, sendo uma forma indiscutivelmente diferente da forma escrita de dizer as coisas” (2006, p. 15). Sendo assim, o filme, na sala de aula, pode, ainda, enriquecer o contato com textos escritos e leituras mais complexas, possibilitando, também, a construção de conhecimentos diversos. E, ainda, ele próprio, o filme, é constituído do encontro e diálogo de diferentes linguagens: a da legenda (palavras), a das formas, cores, movimentos, luzes, gestos e sombras.

Napolitano (2009 p. 15) afirma que ao se utilizar um filme na sala de aula, é válido o educador considerar as “[...] relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar” uma forma de mediação que objetiva incentivar o aluno “a se tornar um espectador mais exigente e crítico”, ou seja, um leitor das linguagens presentes no filme. Nesta mesma perspectiva, o autor apresenta duas formas que considera importante para o uso do cinema na escola. O filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor.

Esta abordagem pode ser mais adequada no trabalho com os Temas Transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. Em princípio, todos os filmes – “comerciais” ou “artísticos”, ficcionais ou documentais – são veículos de valores, conceitos e atitudes tratados nos Temas Transversais, com possibilidade de ir além deste enfoque. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los. (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

O filme, analisado como um texto gerador de debates, se respalda no plano conteudístico, voltado para as discussões temáticas que este sugere, mas o tema, segundo ele, é apenas o ponto de partida para o estudo de sua relação com a linguagem da produção fílmica; nessa perspectiva teórica, o professor pode destacar outras possibilidades que vão além da leitura do tema apresentado no filme; por exemplo, a observação necessária da linguagem construída pelo produtor do filme seus modos de produção simbólica, para a veiculação estética e ideológica do conteúdo temático.

O fato de ser tratado como um texto gerador não isenta o professor de problematizar o tratamento – estético e ideológico – que o filme desenvolve sobre os temas a serem debatidos. Os filmes, como qualquer obra de arte, comunicam e perturbam o espectador mais pela maneira, pela forma como os temas são desenvolvidos, do que pelos temas em si. Por isso, os vários aspectos da linguagem não devem ser menosprezados: os ângulos e enquadramentos da câmera, o tipo de interpretação imprimida pelos atores, a montagem dos planos e sequencias, a fotografia (texturas e cores da imagem que vemos na tela), enfim, a narrativa que conduz a trama. (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

Neste sentido, a leitura de um filme, tendo como referência uma análise estética e ideológica, significa educar o olhar do leitor (aluno) para uma formação competente na leitura dessa linguagem audiovisual. Trevizan & Crepaldi (2009, p. 168) afirmam que “[...] a leitura dos textos visuais é rica em complexidades ideológicas e estéticas e não pode ser reduzida a

uma abordagem superficial de seus conteúdos literais”. Assim, a cultura estética e ideológica de um filme favorece a formação de um leitor completo, pois a linguagem visual constitui “[...] um objeto cultural a ser decifrado por um ser social competente, bem informado, sintonizado com o *repertório enciclopédico* do autor (do texto), ativado no momento da criação” (TREVIZAN & CREPALDI, 2009, p. 170).

Outra forma de relevância do filme na formação de leitores críticos, está, de acordo com Napolitano (2009, p.20), no fato deste ser identificado como um “documento” e analisado como um “produto cultural e estético”, respaldado por “[...] valores, conceitos e representações da sociedade”. Sendo assim, o autor ainda argumenta:

O trabalho com o filme, visto como documento cultural em si, é mais adequado para projetos especiais com cinema, visando à ampliação da experiência cultural e estética dos alunos [...]. Este é um dos importantes papéis que a escola pública pode ter, pois, muitas vezes, será a única chance de o aluno tomar contato com uma obra cinematográfica acompanhada de reflexão sistemática e de comentários, visando à ampliação do seu repertório cultural [...] e estético. (NAPOLITANO, 2009, p.21).

Pela análise, proposta por Napolitano, para o uso de filmes em sala de aula, foi possível constatar que qualquer disciplina pode utilizar este tipo de arte como um instrumento didático-pedagógico, seja como texto gerador de debates como documento representativo de sua produção histórica, pautado em valores e ideologias determinadas por um contexto social, seja, como um produto cultural, estético, de valorização da Arte. Deste modo, todo filme, seja um documentário ou uma ficção, é resultado de decisões e indagações contextuais de seus idealizadores; assim, é um objeto que resulta de uma produção cultural coletiva, sendo passível de observação e questionamentos. Trevizan (2002, p. 105) argumenta sobre a leitura dialógica do conteúdo e da linguagem dos filmes:

Na recepção de um texto fílmico, por exemplo, o espectador deve preocupar-se com a descoberta da criatividade na produção interna do filme, ou seja, deve voltar-se para a tarefa de identificação da perfeita correspondência estabelecida entre a linguagem construída e a informação e/ou história transmitida. Para tanto, é preciso atenção especial do espectador não só para os fatos contados, mas sim para os processos estratégicos (do criador) de seleção e combinação de determinados signos (verbalizações, sons, objetos, cores, formas, movimentos, gestos e etc.) na montagem do filme. (TREVIZAN, 2002, p. 105).

Assim, o trabalho com filmes na sala de aula requer, segundo Napolitano, critérios de análise e estudo temático direcionado, para que esteja definido o ponto de partida e as possíveis conclusões das atividades a serem desenvolvidas. Sendo assim, é importante que o educador sistematize alguns questionamentos, tais como:

O que eu quero com esse filme? Em que essa atividade se relaciona com o conjunto da minha disciplina e da área curricular? Quais são os limites e as possibilidades que essa atividade tem para o grupo de alunos em questão? Ao longo do ano, que outros filmes poderiam ser trabalhados de

acordo com a orientação? Além desses procedimentos tão óbvios quanto importantes, o professor deve pensar o filme dentro do seu planejamento anual, de acordo com a Proposta Curricular oficial em consonância com a Proposta Pedagógica da Escola e seu Plano de Ensino. (NAPOLITANO, 2009, p. 22 e 23).

É fundamental considerar as indagações e procedimentos sugeridos acima. Cabe, ainda, acrescentar outras questões, também mencionadas por Napolitano, como referência para ampliar e melhorar o repertório de questionamentos na análise de um filme na escola:

Qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é destinado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a sua contribuição na relação ensino-aprendizagem? Qual é o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? Qual é o objetivo didático-pedagógico específico da atividade? (NAPOLITANO, 2009, p. 19 e 20).

Questões como estas auxiliam o educador a utilizar a linguagem fílmica na sala de aula, de modo a incentivar os alunos a construírem habilidades específicas, modos de ver e de ler imagens em movimento, interpretar a linguagem fílmica, compreender a narrativa e o desenvolvimento da história. O filme, na sala de aula, pode, ainda, enriquecer o contato com textos escritos e leituras mais complexas, possibilitando a construção de conhecimentos e a sedimentação cultural de conceitos já convencionalizados:

Fica assim traduzido o caráter de intencionalidade e a sistematização do ensinar e aprender. E é para isso que as escolas existem. No caso em questão, ou seja, a utilização dos filmes, os educadores podem propiciar situações de espaço-tempo de ensino para que os educandos adquiram e desenvolvam conhecimentos, atitudes, habilidades, isto é, saberes constitutivos para uma aprendizagem de cidadania pautada pela consciência e prática de direitos e deveres, na perspectiva do bem comum, além de facilitar vivências culturais diferenciadas. (FUSARI, 2009, p. 37).

Definidos alguns aspectos referentes à leitura e possíveis questionamentos para serem trabalhados no processo de recepção de um filme em sala de aula, faz-se necessário observar as orientações de produção do filme *Tolerantia (2008)* sob a direção de *Ivan Ramadan*, um curta-metragem do gênero animação, utilizado em salas de aula do Ensino fundamental e do Ensino médio, nas disciplinas de história e sociologia no primeiro semestre deste ano de 2015, tendo como foco essencial a discussão temática do mesmo, sem desprezar a linguagem utilizada neste tipo de produção e gênero cinematográfico.

Um filme curta-metragem se difere de um longa-metragem pelo seu tempo de duração, a estética, a temática e os objetivos pré-determinados, que podem voltar-se para a informação, a publicidade, a educação e outros campos do conhecimento humano:

As obras fílmicas curtas exibem seus dispositivos (narrativos ou discursivos), sua estrutura rítmica, a forma-sentido que produz seu impacto de maneira mais evidente que os longas-metragens, [...], fazem-no de maneira rápida, aguda, como se “precipitassem”. A forma global do filme curto se oferece à percepção e, conseqüentemente, a uma análise mais fácil. [...] A simplicidade da estrutura “verbal” do filme é contradita pela sofisticação de sua montagem e de sua mixagem: aceleração extrema da montagem em certos momentos, passagem para a câmara lenta, imagens de

arquivos e imagens de estúdio ou externas, pequenas cenas dialogadas ou mudas, variações fortes das escalas de plano, dos ruídos e das músicas etc., tudo em sete minutos! (VANOYE, GOLIOT-LÉTÉ 1994, p.114).

O texto acima denota os possíveis caminhos pelos quais um filme de curta-metragem pode passar, identifica sua estrutura rítmica como rápida, de uma análise mais fácil e a sofisticação de sua montagem. Além de ser um filme de curta-metragem, *Tolerantia* se enquadra no gênero animação. Neste sentido, Tuner (1997, p.88) menciona que:

Uma das maneiras de se distinguir os diferentes tipos de filme é pelo gênero. Tomado emprestado dos estudos literários, em que é usado para delinear a diferença entre sátira e comédia, tragédia e farsa, e assim por diante, o termo “gênero” tornou-se um instrumento útil na análise do cinema. Aqui, o gênero é um sistema de códigos, convenções e estilos visuais que possibilita ao público determinar rapidamente e com alguma complexidade o tipo de narrativa que se está assistindo. (TUNER, 1997, p.88).

Um filme de animação, conforme Bergan (2009, p.118), deve abranger “[...] diversos estilos, temas, e técnicas. Que podem variar, dos mais simples desenhos à mão a imagens feitas com a mais nova tecnologia digital, seu objetivo é atrair sempre a maior faixa etária possível”.

Souza (2012, p.34) explica que o termo *Animação* deriva das palavras latinas *Animus/Anima/Animare* que significa: “ar, respirar, vida, alma, sopro vital, dar a vida, forjar uma representação viva de algo criado para este fim. Animar é, então, criar a ilusão de vida no que está inanimado.”

Bordwell & Thompson (2013, p. 580) afirmam que “[...] as *animações* se diferenciam de filmes com tomadas no mundo pelo tipo de trabalho realizado no estágio de sua produção.” Isso porque não são filmados continuamente em tempo real, mas criam uma série de imagens e filmam quadro a quadro, mudando as ações do sujeito fotografado. Assim, no momento da projeção das imagens “[...] criam um movimento ilusório comparável ao dos filmes de tomadas, assim qualquer coisa no mundo, ou no universo, que o cineasta possa manipular em uma tomada pode ser animada”; esse processo pode ocorrer “[...] através de desenhos bidimensionais, objetos tridimensionais ou informações digitais armazenadas em um computador” (BORDWELL & THOMPSON, 2013, p. 580).

O cinema de animação passou por uma série de mudanças desde o seu surgimento, no século XIX, até os dias atuais e passando pelas diferentes fases da revolução tecnológica. Bordwell & Thompson (2013, p. 584-585) afirmam que o “[...] tratamento computadorizado de imagens revolucionou a animação”, possibilitando que os cineastas “[...] criem imagens de coisas que não poderiam ser filmadas no mundo real”. Assim, “[...] as imagens geradas nos

computadores são transferidas para que o filme seja filmado diretamente de um monitor de alta resolução” ou utilizando “um laser para gravar os pixels individuais das imagens em cada quadro”. Souza (2012, p. 34), sobre os estilos de desenho, destaca que os:

[...] procedimentos técnicos, composições visuais, personagens, cenários, luzes, câmeras, sons são os elementos básicos que foram, progressivamente, desenvolvendo os formatos e gêneros do cinema de animação. Vista como uma variação dos preceitos da linguagem cinematográfica, a animação acompanha a história do cinema desde os seus primórdios no final do século XIX e ocupa uma posição de destaque nas possibilidades das narrativas cinematográficas. As diferentes técnicas, modelos e produtos da animação resultam em uma diversidade de efeitos, estéticas, histórias e mídias (já que, atualmente, a animação ultrapassa o espaço da tela de cinema e se estende por muitos outros tipos de tela) que foi fomentando a formação de todo um universo de imagens, tramas e personagens que se tornaram parte importante, distinta e até indissociável da paisagem cultural das sociedades contemporâneas. (SOUZA, 2012, p. 34).

ANÁLISE IDEOLÓGICA E ESTÉTICA DO FILME TOLERANTIA

O filme *Tolerantia* (2008), sob a direção, produção e a edição de *Ivan Ramadan*, é um curta-metragem de seis minutos e vinte segundos, uma produção independente com duração de dois meses e meio, do gênero animação, em formato 3D, e o país de origem é a Bósnia-Herzegovina. Esse filme recebeu a indicação de melhor curta-metragem pela Academia Europeia de Cinema e a premiação de melhor curta-metragem no Festival de Filmes de Sarajevo. Foi transferido para o formato 35 milímetros com o apoio e a viabilização do Ministério Federal de Cultura e Esportes da Bósnia-Herzegovina. Pirolic (2008, p. 06), assim, se expressa sobre o filme *Tolerantia* em um jornal de Sarajevo:

Outro filme bósnio atraiu a atenção do público e da crítica. O Programa de Competição - Short Film, apresentou o primeiro clipe do filme de um jovem autor Ivan Ramadan "Tolerância". Ramadan garantiu um lugar na história cinematográfica bósnia, porque é o primeiro filme de curta a usar 3D. O filme tem sido até agora convidado a 13 festivais de cinema na seleção oficial.

A cena inicial apresenta o título do filme com a escrita em formato de gelo, o país de sua produção (Bósnia-Herzegovina) e o período que a história fílmica está ambientada (no final da Era Glacial), e vai percorrendo o ambiente destacando os vários cubos de gelo, alguns vazios, outros com animais e um com um homem dentro. Toda cena é acompanhada por música instrumental, com sentido de levar o espectador à identificação do ambiente que se situa a história a ser exposta.

Cena A – imagem de abertura do filme:



Fonte: Tolerantia (2008).

O filme não apresenta fala, pois o personagem principal é um homem pré-histórico, que se encontra no final da Era Glacial. Sendo assim, este curta ficcional está fundamentado na teoria evolucionista da espécie humana, o gênero *Homo ou Hominídeos*, de acordo com Apolinário (2010, p. 29), foi deste gênero que os seres humanos descenderam, “o gênero *Homo* do qual fazemos parte, originou-se há cerca de mais de 2 milhões de anos. [...] o *Homo sapiens* foi a única espécie do o gênero *Homo* que conseguiu sobreviver.” Sobre a Era Glacial, Dias; Grinberg e Pellegrini (2010, p.29) relatam que:

Era glacial, ou glaciação, é o nome dado a cada um dos períodos em que a temperatura da Terra permanece extremamente baixa, causando a formação de grandes geleiras em todo o planeta. De acordo com alguns estudos, a Terra passou por 27 eras glaciais, que duraram em média, 100 mil anos cada uma. Essas foram intercaladas por períodos – denominados interglaciais – em que a temperatura se encontrava relativamente alta, possibilitando o desenvolvimento das diferentes formas de vida. A última Era Glacial terminou a cerca de 12 mil anos.

Com o derretimento do bloco de gelo em que se encontrava, o personagem passa a se tocar e percebe que seus movimentos ainda estão comprometidos pelo congelamento, tenta dar os primeiros passos e cai, com o corpo inerte no chão, meche os olhos e tenta se levantar, mas não consegue. Assim, permanece deitado e perto do mesmo tem uma grande pedra, o sol aparece aquecendo seu corpo e aos poucos vai recobrando os movimentos até que consegue se levantar e caminhar.

Cena B – Descongelamento do personagem principal:



Fonte: Tolerantia (2008).

Na seqüência, ele passa a empurrar uma grande pedra e expressa facialmente dificuldades em fazê-lo, pelo peso e tamanho, a cena segue com este levando outras pedras, deixando marcas pelo caminho, emitindo um ruído de fala, o nascimento e o por do sol marcam a passagem do tempo, até que este aparece fazendo uma construção, que a princípio parecia ser uma casa, ao lado dela, outra construção também se erguia. Toda cena é direcionada por música instrumental com sentido de trabalho, movimento.

Cena C – O personagem principal começando a construir o templo:



Fonte: Tolerantia (2008).

Na próxima cena, as construções aparecem prontas e similares a pirâmides, isso a primeira vista, pois com uma observação mais detalhada identifica-se que são dois templos característicos da antiguidade (Mesopotâmia), fato que se confirma no momento em que o homem/seu construtor levanta um mastro comprido e com as pontas semi circular bem no meio do templo, inclina o corpo em sentido de adoração, depois se ergue e abre os braços em direção ao sol, no caso seu deus, prática também comum para alguns povos da antiguidade que cultuavam o sol como um deus. Como mencionam Dias, Grinberg e Pellegrini (2010, p.56), “a religião fenícia cultuava as forças da natureza e dos astros como o Sol e a Lua”.

Cena D – Os dois templos com suas construções finalizadas



Fonte: Tolerantia (2008).

No momento em que está com os braços abertos adorando o Sol, ouve-se um ruído forte parecendo com um grito, o personagem principal olha para trás e recebe uma pedrada no rosto, este cai, ao levantar-se balança a cabeça meio confuso, mas logo fica enfurecido, ruge os dentes e olha para o outro templo e vê outro homem também pré-histórico que não havia aparecido no filme até aquele momento, este grita cada vez mais forte, bate no corpo, pula várias vezes e aponta para o seu mastro erguido no meio do templo, que tem um formato diferente, indicando uma outra forma de adoração ao deus Sol e gerando o conflito entre ambos.

Cena E – O segundo personagem impõe sua forma de adoração ao deus Sol



Fonte: Tolerantia (2008).

O desfecho final ocorre quando estes passam a lançar pedras um no outro, o sol está se pondo, a cena fica escura demonstrando o clima de tensão dos personagens, por alguns segundos o foco da cena passa a ser a expressão fácil de ódio entre ambos, os ataques se intensificam (tamanho das pedras, instrumentos para lançá-las), destruindo parcialmente os templos e tirando suas vidas.

Cena F – O conflito entre os personagens e os ataques uma ao outro.



Fonte: Tolerantia (2008).

É importante considerar o contexto histórico-social do diretor Ramadan, a região da Bósnia-Herzegovina, que esteve situada na República Federalista da Iugoslávia, sob o regime socialista desde o final da Segunda Guerra Mundial, o governo Iugoslavo distanciou-se politicamente da União Soviética, mas garantiu a unidade nacional. A Europa passou por uma crise econômica, na década de 1970, que afetou a Iugoslávia gerando desemprego, corte de investimentos sociais, achatamento de salários e inflação alta. A situação se agravou com a morte de seu governante Josip Tito, em 1980, com os resquícios da crise e as mudanças na União Soviética. Nesse cenário, surgem movimentos de emancipação, rivalidades étnicas e religiosas se intensificaram, gerando guerras na Croácia, na Bósnia no final do século XX e no Kosovo no início deste século. Sobre as Guerras nos Bálcãs, Dias, Grinberg e Pellegrini (2010, p. 233) relatam que:

A Iugoslávia era habitada por povos de várias etnias que viviam espalhadas pelas diversas repúblicas que formavam esse país, o qual também abrigava três religiões (católica cristã, ortodoxa e muçulmana). Toda essa multiplicidade de povos e culturas se manteve unida enquanto durou o regime centralizado pelo Partido Comunista, mas, com as crises dos regimes socialistas no Leste Europeu, os sentimentos nacionalistas e separatistas desses povos foram despertados. Em 1991 começou a desagregação do país, mesmo com a oposição da Sérvia, que desejava manter a Iugoslávia unida e sob a sua direção. Em 1992, as lideranças muçulmanas e croatas da Bósnia-Herzegovina declaram sua independência. No entanto, nessa república havia uma importante minoria sérvia (31,4%) que, contando com o apoio Iugoslavo, formou milícias para combater muçulmanos e croatas. Teve início, então, uma sangrenta guerra civil em que morreram cerca de 300 mil pessoas em combates e em práticas de limpeza étnica, realizadas principalmente pelos bósnios sérvios. Com a intervenção de forças da ONU, em 1995, um acordo de paz foi firmado, e a Bósnia-Herzegovina se tornou independente, mas dividida em duas repúblicas autônomas: uma para os muçulmanos e croatas, e outra para os bósnios sérvios.

De acordo com os autores citados, o contexto político e religioso da Bósnia-Herzegovina, no final do século XX, foi marcado por conflitos (guerra civil), cujo teor de *limpeza étnica* esteve presente como uma tentativa de eliminar a cultura (religião e idioma) e controlar a composição demográfica de forma violenta, podendo fazer uso de chacinas,

estupro ou esterilização. Nesta perspectiva, o filme *Tolerantia* de Ramadan, chama a atenção para esta temática tão “cara” no mundo, que é a convivência social e sua diversidade de práticas, ritos e mitos. Visto que não é um problema específico na história da Bósnia-Herzegovina, mas de muitos povos espalhados pelo mundo, tanto no passado como na atualidade. Sobre tolerância, Japiassú & Marcondes (2006, p. 267 e 268) declaram:

Tolerância (lat. *Tolerantia*: Constancia em suportar) 1. Do ponto de vista histórico (o termo aparece no século XVI durante as guerras de religião), designa a indiferença à verdade dos dogmas religiosos ou a ampla escolha de “heresias”. 2. Moralmente (por oposição ao fanatismo), disposição de espírito, atitude ou regra de conduta consistindo em: a) permitir a cada um a liberdade de expressar suas opiniões com as quais não se partilha; jamais defender suas opiniões procurando impô-las aos outros pela força; c) pensar que ninguém possa considerar-se em matéria religiosa, política, moral ou estética, o detentor absoluto da verdade. 3. A partir do século XVIII, como avanço do fanatismo, atitude de espírito (individual ou coletiva) permitindo que todo indivíduo ou grupo tenha plena liberdade de expressar suas opiniões ou crenças e de viver com hábitos e costumes diferentes. O risco dessa concepção: adotar um relativismo que todas as opiniões se equivalem e que não existem verdades, valores ou direitos “universais” dignos de serem defendidos.

O USO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO FILME TOLERANTIA

A escolha do filme *Tolerantia*, para uso didático-pedagógico em sala de aula, ocorreu pela necessidade de refletir sobre a ‘Convivência Social’ no espaço escolar e fora dele. Partindo de um curta ficcional, fundamentado em um contexto histórico específico, abordando uma questão ampla sobre a intolerância religiosa e ampliando a discussão para outros tipos de intolerância mundial, no Brasil, no município e na escola, sendo que a reprodução da violência e da insegurança é cada vez mais comum dentro da escola. Adolescentes e crianças, em geral, se envolvem em diversas práticas violentas no ambiente escolar, colocando em risco sua integridade física e psicológica e das demais pessoas, seja por indisciplina, manifestações de intolerância, preconceitos ou demais formas de manifestação humana.

Como a comunidade escolar está inserida no contexto social, acaba por manifestar em suas ações cotidianas atitudes que esbarram em intolerância ao outro pelas diferenças sociais, culturais, sexuais, raciais, físicas ou morais que são múltiplas no espaço escolar. Pinski (2000, p.7) alerta que no passado “[...] gostávamos de dizer que no Brasil não existia preconceito, éramos uma “ilha de tolerância num mundo do intolerante”.

Verificou-se, assim, a necessidade de um procedimento metodológico que abordasse o tema em análise sem ampliar sua repercussão, mas que resultasse em reflexão e possíveis mudanças de hábitos no sentido de enfrentar e minimizar a intolerância ao outro em sua diversidade produzindo um processo de inclusão social e melhor interação entre os alunos. Sendo assim, o tema em discussão não é algo tão simples de se abordar e requer uma

linguagem e trato especial na seleção dos mecanismos, recursos e metodologia aplicável. Entre alguns meios e possibilidades, o cinema é uma provável fonte, por ser uma expressão humana em sua arte de fazer, criar e influenciar o espectador.

O filme foi projetado em uma sala para este tipo de atividade e para cinco salas de Ensino Fundamental e seis salas de Ensino Médio, durante aula da disciplina de história e sociologia. De forma geral, ao longo da projeção do filme os alunos demonstraram interesse e sensibilizaram-se com o conflito relatado.

Ao terminar a projeção, a sala era organizada em círculo para que os questionamentos orais fossem realizados e visando identificar a compreensão da história fílmica, as impressões favoráveis e as contrárias, as possibilidades de construção de um novo final e a cena que mais chamou a atenção da classe para que pudesse fazer as explicações observando a linguagem e a ideologia utilizada da cena identificada e o filme em sua totalidade.

Da apresentação dos alunos, destaca-se as impressões favoráveis de identificação com a produção cinematográfica em função da temática retratada, por ser um filme curto e de compreensão mais simples. Enquanto outros alunos apresentaram dúvidas sobre a história por não apresentar fala, fato que requer uma observação minuciosa das expressões e ações dos personagens. Os alunos foram indagados sobre as suas impressões do filme a partir do título do filme (significado de ‘tolerância’ e ‘intolerância’), o período em se passava a história, os possíveis motivos do autor para realizar essa produção, o estilo e temática abordada.

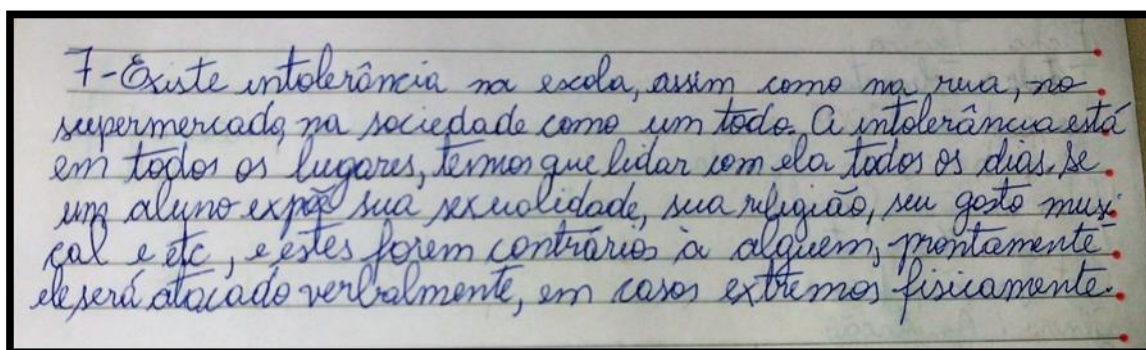
Na seqüência, enquanto metodologia de análise coletiva do filme, os alunos foram orientados para conversarem entre si para identificarem a cena que mais se destacou, assim, foram predominantes as seguintes cenas: o descongelamento do personagem principal, o momento da construção dos dois templos e o conflito entre ambos. Na aula seguinte, o filme foi revisto para que pudesse realizar explicações com mais detalhes e destacando a ideologia e a estética utilizada: as cores, os gestos/expressões, a trilha sonora e as fotografias do filme, observando o contexto e indagando sobre outras formas de intolerância fora do campo religioso, mas em atitudes diárias no espaço escolar e fora dele. Como atividade de conclusão, foi indicado um roteiro de questionamentos¹ para que os alunos realizassem uma pesquisa

¹ Roteiro de questionamentos sugerido aos alunos para a análise do filme *Tolerantia*: Pesquise a sinopse e a ficha técnica; comente o assunto ou tema central retratado no filme; relate o período histórico e a região onde se passa a história narrada; quais são os conflitos enfrentados no filme?; quais foram os conflitos ocorridos na região da Balcãs no final do século XX?; cite exemplos de conflitos como o representado no filme na atualidade mundial?; existe intolerância na escola? Mencione exemplos para sim ou para não; como podemos conviver melhor demonstrando tolerância nas atitudes diversas no espaço escolar e na sociedade Prudentina?; dê sua opinião sobre o filme; crie um novo final para o filme.

mais detalhada sobre o filme, seu contexto histórico-social e a possibilidade de interferirem no enredo com a criação de um novo final.

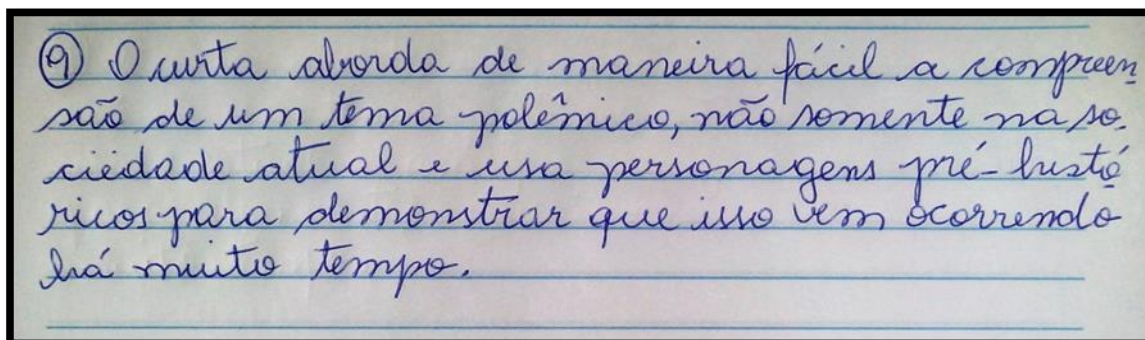
Segue abaixo o registro da realização de alguns dos questionamentos feitos por duas alunas, que serão identificadas por numerais aleatórios, exemplificando a resolução da atividade mencionada.

ALUNA 1

A photograph of a handwritten note on lined paper. The text is written in cursive and discusses intolerance in various settings like school, street, and supermarket, mentioning that intolerance exists everywhere and that students expressing their sexuality, religion, or musical taste might be verbally or physically attacked.

7- Existe intolerância na escola, assim como na rua, no supermercado, na sociedade como um todo. A intolerância está em todos os lugares, temos que lidar com ela todos os dias. Se um aluno expõe sua sexualidade, sua religião, seu gosto musical etc, e estes forem contrários à alguém, prontamente ele será atacado verbalmente, em casos extremos fisicamente.

ALUNA 2



Os dois questionamentos destacados acima são de diferentes alunas e optei pela versão manuscrita, sem revisão ou correção, legitimando a realização da atividade. Estes evidenciam a compreensão das discussões e orientações propostas e da pesquisa realizada individualmente. Na recepção e na correção desta atividade verifiquei a importância e o comprometimento dos alunos na sua execução e na entrega da atividade. Alguns alunos foram mais objetivos com respostas curtas e coerentes, enquanto outros argumentaram um pouco mais e demonstraram melhor compreensão e escrita da análise fílmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duarte (2002, p. 85) menciona que “[...] o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas”, observa que este é valorizado nos espaços escolares, mas chama a atenção para que o mesmo seja visto “como fonte de conhecimento”, e que seu uso não seja identificado como um “recurso didático de segunda ordem, ou seja, para ‘ilustrar’, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis”. Assim, os filmes precisam ser identificados por educadores como “parceiros na formação geral das pessoas” e que esses são instrumentos importantes “para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas” (DUARTE, 2002, p.86).

Os filmes podem ser utilizados como uma “porta de acesso” para informações geradoras de conhecimento, que não se esgotam em si mesmas. Nesse sentido, as possibilidades do trabalho escolar, usando filmes como instrumentos didático-pedagógicos, são múltiplas, cabe ao professor conhecer sobre “a história, as teorias do cinema e os filmes” que deseja utilizar em salas de aula, nos diferentes níveis de ensino, para poder evidenciar os elementos que deseja usar e as atividades a serem desenvolvidas.

FILM AND EDUCATION: AN ANALYSIS OF TOLERANTIA FILM FROM THE PERSPECTIVE OF SOCIAL COEXISTENCE

ABSTRACT: This paper presents results of research conducted by the author: “*The Film School Use the Curriculum of São Paulo state*”. The overall objective was to contribute to the improvement of teaching ways of building movie players. In this sense, this text seeks to argue about the didactic and pedagogical use of a film in school, watching the intention defined in school work, to pay attention to the development of skills and competencies, including process involving reading this type of media. Thus, after identifying difficulties of Social Coexistence at school for a number of internal and external issues (in the first semester of the year 2015), selected the film *Tolerantia (2008)*, directed by *Ivan Ramadan*, as a teaching didactic and pedagogical for examination of the matter in elementary school classrooms and high school, in the disciplines of history and sociology, noting also the ideological and aesthetic process of this film production, which will be exposed in an experience report on the implementation of this activity .

KEYWORDS: Education; Tolerance; Movies reading; Learning.

CINE Y EDUCACIÓN: UN ANÁLISIS DE LA PELÍCULA TOLERANTIA DESDE LA PERSPECTIVA DE LA CONVIVENCIA SOCIAL

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de la investigación llevada a cabo por el autor: “*La película de la escuela Uso del plan de estudios del estado de Sao Paulo*”. El objetivo general es contribuir a la mejora de la enseñanza de formas de construcción de reproductores de películas. En este sentido, este texto pretende discutir sobre el uso didáctico y pedagógico de una película en la escuela, observando la intencionalidad definida en el trabajo escolar, prestar atención al desarrollo de habilidades y competencias, incluyendo el proceso que consiste en la lectura de este tipo de medios. Por lo tanto, después de identificar las dificultades de convivencia social en la escuela por una serie de problemas internos y externos (en el primer semestre del año 2015), la película seleccionada *Tolerantia (2008)*, dirigida por *Ivan Ramadán*, como herramienta de enseñanza-pedagógico para el examen de la cuestión en las aulas de la escuela primaria y secundaria en las disciplinas de la historia y la sociología, observando también el proceso ideológico y estético de esta producción de la película, que será expuesta en un relato de experiencia en la ejecución de esta actividad.

PALABRAS-CLAVE: Educación; la tolerancia; Películas de lectura; El aprendizaje.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, M. R. *Projeto Araribá – História*. São Paulo: Moderna, 2010.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BERGAN, R. *Guia Ilustrado de Cinema*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BORDWELL, D. & THOMPSON, K. *A Arte do Cinema: uma introdução*. Tradução: Roberta Gregoli. São Paulo: Edusp, 2013.
- DUARTE, R. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FRANCO, M. Você sabe o que foi o I.N.C.E.? In: SETTON, M. da G. J. (org.) *A Cultura da Mídia na Escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume: 2004. p. 21 - 35.
- FUSARI, J. C. A Linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor In: TOZZI, D. (org.) *Cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor*. Caderno de Cinema do Professor: dois. São Paulo: FDE, 2009b; p. 32 - 45.
- GRINBERG, K; DIAS, A. M; PELLEGRINI, M. *Novo Olhar – História*. São Paulo: FTD, 2010.
- GUARESCHI, P. A. & BIZ, O. *Mídia, educação e cidadania*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D. *Dicionário Básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- KELLNER, D. *A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução Ivone Castilho Beneditti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009a.
- NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, D. (org.) *Caderno de cinema do professor: dois*. São Paulo: FDE, 2009b, pp. 10-30.
- MELO, J. M. de & TOSTA, S. P. *Mídia & Educação*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2008.
- OSTERMANN, N. W. *Filmes Contam História*. Porto Alegre: Movimento, 2006.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PINSK, J. *12 Faces do Preconceito*. São Paulo: Contexto, 2000.
- PIROLIC, L. *Todas as estradas da região levam ao Festival de Cinema de Sarajevo*. <http://www.dw.com/bs/svi-putevi-u-regiji-vode-na-sarajevo-film-festival/a-3580103> Acesso em 07/06/16.
- SANTAELLA, L. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SANTAELLA, L. *Navegar no Ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SETTON, M. da G. *Mídia e Educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, M. *Panoramas Historiográficos das Alteridades do Cinema de Animação*. <http://petcomufam.com.br/2013/06/conheca-o-livro-digital-cinema-de-animacao-guia-de-referencias.html>. Acesso em: 07/06/16.

TURNER, G. *Cinema como Prática Social*. Tradução: Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

TREVIZAN, Z. *O Leitor e o diálogo dos signos*. São Paulo: Cliper, 2002.

TREVIZAN, Z., CREPALDI, L. Linguagem visual e educação: a arte de ensinar. In: GEBRAN, R. A. (org.) *Ação docente no cotidiano da sala de aula: práticas e alternativas pedagógicas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2009, pp. 167-186.

VANOYE, F. & GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio Sobre a Análise Fílmica*. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.

Imagens utilizadas disponível em:

<http://dicasdefilmespelascheila.blogspot.com.br/2015/03/curta-metragem-tolerantia-2008.html>; <http://www.contioutra.com/assista-essa-animacao-e-entenda-como-nasce-intolerancia/>; <https://www.cinemagia.ro/filme/tolerantia-tolerance-29258/postere/32078/#gallery>

Último acesso em: 10/06/16.

Filmografia

TOLERANTIA. Direção: Ivan Ramadan. Bósnia-Herzegovina, 2008 (6min e 20seg.).

Recebido em agosto de 2016.

Aprovado em dezembro de 2016.